



ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura



PROEXT
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

Estudo

Texto recebido em: 24 jul. 2024. Aprovado em: 29 nov. 2024.

LEME, Adriana Salay. Enunciados e enunciadores: os sujeitos e o engajamento no discurso sobre a fome no Brasil. *Estudos Universitários: revista de cultura*, UFPE/Proext, Recife, v. 41, n. 1, p. 1-39, jan./dez. 2024.

<https://doi.org/10.51359/2675-7354.2024.261916>

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Enunciados e enunciadores: os sujeitos e o engajamento no discurso sobre a fome no Brasil

Enunciations and enunciators: subjects and engagement in the discourse on hunger in Brazil

Adriana Salay Leme

Universidade de São Paulo (USP)

Doutora em História Social

E-mail: adrianasalay@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-3608-5766>

 <http://lattes.cnpq.br/1709815575241397>

Resumo

Este artigo percorre discussões sobre a fome no Brasil dentro do que é concebido, partindo de Habermas, como espaço público letrado: produções científicas e textos em jornais, revistas ou livros. Tal análise se dá, principalmente, por meio de Josué de Castro e Carolina Maria de Jesus, figuras centrais nas discussões sobre a fome no Brasil durante o século XX. Ao observar seu engajamentos, suas parcerias e suas produções, pretende-se analisar, a partir do desmembramento da obra de Luc Boltanski, a formação de um grupo entendido como enunciadores da fome, aqueles

que eram espectadores e propunham definições e interpretações sobre esse fenômeno. O corpo documental deste texto tem três focos: o primeiro é a fundação e a atuação da Associação Mundial de Luta Contra a Fome (Ascofam), grupo criado por Castro e outros atores engajados no assunto; o segundo é o contraponto a estes oferecido pela produção de Carolina Maria de Jesus, escritora e autora do livro Quarto de Despejo; e o terceiro é a imprensa. Assim, é possível observar a produção dos sujeitos e dos enunciadores no espaço público letrado durante os anos 1950 e 1960 no Brasil.

Palavras-chave: Josué de Castro. Carolina Maria de Jesus. fome. espaço público.

Abstract

This article explores discussions about hunger in Brazil within what is conceived, based on Habermas, as a literate public sphere: scientific productions and texts in newspapers, magazines or books. This analysis takes place mainly through Josué de Castro and Carolina Maria de Jesus, central figures in discussions about hunger in Brazil during the 20th century. By observing their engagements, their partnerships and their productions, the aim of this work is to analyze, from Luc Boltanski's perspective, the formation of a group understood as enunciators of hunger, those

who were spectators and proposed definitions and interpretations of this phenomenon. The documentary body of this text has three focuses: the first is the founding and work of the World Association for the Fight Against Hunger (Associação Mundial de Luta Contra a Fome/Ascofam), a group created by Castro and other actors engaged in the issue; the second is the counterpoint to these offered by the production of Carolina Maria de Jesus, writer and author of the book *Quarto de Despejo*; and the third is the press. Thus, it is possible to observe the production of subjects and enunciators in the literate public space during the 1950s and 1960s in Brazil.

Keywords: Josué de Castro. Carolina Maria de Jesus. hunger. public space.

INTRODUÇÃO

Com o fortalecimento da imprensa e o advento da fotografia na segunda metade do século XIX, a fome passou cada vez mais a figurar como assunto na mídia. Nesse momento, seu significado estava intimamente atrelado à crise, uma fatalidade intensa e descolada do cotidiano e do curso regular dos acontecimentos (Vernon, 2007). Porém, no Brasil, a partir dos anos 1930, começou a surgir um novo sentido de fome, que atrelava o fenômeno à sua condição endêmica e cotidiana. Somadas a isso, as proposições científicas se firmaram como as detentoras das soluções para os problemas sociais a partir da enorme quantidade de dados (muitos deles estatísticos) e análises que produziam.

Assim, depois da Segunda Guerra Mundial, a representação da fome em seu sentido moderno — formada a partir dos paradigmas científicos propostos pelos especialistas da alimentação e que tinha como definição sua endemia — ganhou proeminência no *espaço público letrado* no Brasil. Por *espaço público letrado*, entende-se o circuito de textos em jornais, revistas ou livros de maior alcance ou especializados. A categoria *espaço público* é mobilizada aqui a partir da obra de Habermas (2014), acrescentando-se a ela o termo *letrado* para determinar o lugar de circulação dessas ideias, já que o fato de estarem em suportes letrados delimita o público que poderia acessá-las, principalmente em um país de grande população analfabeta como é o Brasil.

No *espaço público letrado*, se as crises de fome estavam vinculadas a infortúnios e a fatalidades não previstas, a interpretação moderna permitiu conectá-las à

organização da sociedade como expressão da pobreza cotidiana, visto que

A dualidade da civilização brasileira, com a sua estrutura econômica bem integrada e próspera no setor da indústria e sua estrutura agrária arcaica, de tipo semicolonial, com manifesta tendência à monocultura latifundiária, é a principal responsável pela sobrevivência da fome no quadro social brasileiro (Castro, 1961, p. 3).

Diante disso, a fome endêmica passou a ocupar espaço na mídia, gerando um amplo debate e intensificando reportagens e discussões sobre o fenômeno: “Nunca se falou tanto da fome no mundo. É um assunto da ordem do dia” (Castro, [s. d.], n. p.).

Ao mesmo tempo em que o discurso sobre a fome endêmica ganhava autoridade, também conquistava lugar a quem ele se referia. Por isso, os enunciadores dessa interpretação estavam interessados em consolidar essa nova enunciação social (Bourdieu, 1996, p. 119), não apenas pela subversão discursiva, mas, sobretudo, pelas consequências possíveis desse processo, como o aumento dos espaços políticos de atuação e a possibilidade de investimentos materiais para a concretização das prescrições de combate à fome endêmica. Formou-se, então, uma camada de pesquisadores, jornalistas e intelectuais interessados em observar, interpretar e propor soluções sobre a fome. Uma parte importante dessa interpretação vinha do advento da nutrição enquanto ciência e dos preceitos que ela carregava. Dessa

forma, a fome endêmica passou a ser definida por esse grupo sob o intermédio de uma régua clínica, como a ausência de determinados nutrientes ou a alimentação com deficiência calórica (Leme, 2021).

Um dos enunciadores de maior destaque no Brasil foi Josué de Castro. O médico e geógrafo pernambucano, nascido em 1908 e morto exilado em Paris em 1973, foi uma das grandes vozes contra a fome que o país teve. Além disso, atuou em diferentes frentes: participou da burocracia do Estado Novo, foi deputado federal de Pernambuco pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e presidente do Conselho da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (Food and Agriculture Organization/FAO). Sua consagração como portador da temática da fome ocorreu quando lançou o livro *Geografia da fome*, em 1946, o que o torna, portanto, uma personagem importante para que possamos tecer discussões sobre o assunto.

É fundamental enfatizar que as discussões aqui propostas não se restringem à atuação do geógrafo. O intuito deste artigo é, no entanto, formar um fio condutor para que possamos analisar, por meio de Josué de Castro e de alguns de seus engajamentos, as discussões sobre a fome, os projetos associados à denúncia dessa mazela e o *espaço público letrado* como formador de um grupo de *enunciadores da fome*. Em suma, pretende-se entender o lugar e os limites daqueles que propunham enunciações sobre o assunto.

UM PROJETO DE DENÚNCIA

A gênese da camada dos especialistas vinculados à alimentação e seu protagonismo nas prescrições sobre a fome não significou a exclusividade desses atores no tratamento do tema, pois outros grupos sociais continuaram a exercer um papel ativo na área, mesmo que baseados em outras premissas. Um deles foi a Igreja Católica, da qual Castro foi próximo ao longo de sua trajetória. A partir dos anos 1950, Dom Hélder Câmara (1909-1999), na época no Rio de Janeiro, participou de diversos eventos para discutir a temática com o geógrafo. No plano internacional, a Igreja também se destacava nas discussões sobre o assunto e tinha como protagonistas figuras como Padre Lebreton e o Abade Pierre, de quem Castro se aproximou.

Louis-Joseph Lebreton (1897-1966), economista francês e padre católico dominicano¹, veio ao Brasil em 1947, quando conheceu Josué de Castro. Depois desse encontro, passaram a trocar cartas e fazer projetos juntos. O mais central deles era conscientizar as pessoas sobre as mazelas do mundo: “Aconteça o que acontecer, não vamos desistir do nosso projeto de um grande choque a dar aos ‘civilizados’ para que se mantenham humanos à miséria do mundo” (Lebreton, 1952, n. p.). Para que pudessem levar a cabo esse projeto, eles se uniram a Henri Antoine Groués (1912-2007), conhecido como Abade Pierre, padre franciscano e deputado francês:

¹Lebreton foi o criador da associação francesa Économie et Humanisme, em 1942, que reuniu intelectuais, da Igreja ou não, e baseava sua atuação em uma chave desenvolvimentista (Godoy, 2015).

O mundo precisa muito, e mais do que nunca neste momento, da concretização das nossas aspirações de paz e bem-estar das comunidades. Aqui chegamos, a meu ver, a duas grandes divisões da humanidade: o grupo dos que têm medo e não consegue mais dormir e quem tem fome e não consegue mais comer. E o que é triste e trágico é que o grupo que tem medo tem sobretudo medo do grupo que tem fome. Para acabar com o medo e com a fome, devemos conceber uma política que, desarmando a fome, a miséria e a injustiça social, gerencie o sentimento de revolta dos povos oprimidos, principal causa do medo dos grupos opressores. Cada dia mais me convenço da grandeza de sua missão no momento histórico em que vivemos, tão catalisadora e capaz de despertar a opinião pública em todo o mundo em torno desta trágica realidade e de buscar a saída para a solução de tal problema sério. No entanto, devo dizer-vos com toda a sinceridade que não basta denunciar este estado de coisas: não basta sensibilizar para esta triste realidade; para moldar algo substancialmente possível e alcançável é necessário atrair o interesse coletivo e a cooperação universal e transformá-los em uma realidade social. E é isso que considero essencial, a criação de um plano de ação objetivo, um plano prático e simples como ainda não tive o prazer de ver formulado. [...] Não se trata de um projeto utópico, nem de um ideal no

sentido lírico, mas sim de integrar num sistema de ação social diversos princípios e leis hoje cientificamente conhecidos e comprovados. Este projeto encontra-se em fase de preparação muito avançada e aproxima-se da sua fase final (Castro, 1956, n. p.).

O projeto passou a ser possível depois que Josué de Castro foi laureado, em 1955, com o Prêmio Internacional da Paz, organizado pela União Soviética. Com o valor do prêmio, ele criou o Fundo Internacional de Luta contra a Fome, que deu origem à Associação Mundial de Luta Contra a Fome (Ascofam), fundada em março de 1957 a partir da aproximação com o Padre Lebrete e o Abade Pierre. A sede da instituição se fixou em Genebra e a ideia era que fosse criado um escritório em cada continente. Assim, estabeleceram-se escritórios em Paris e no Rio de Janeiro, cada um com personalidades jurídicas distintas. A composição dos membros variou significativamente ao longo da existência da associação e era atualizada em assembleias. Assim, Castro ficou como presidente da Ascofam mundial. A Ascofam europeia tinha como objetivo promover, incentivar e organizar a luta contra a fome, suas causas e consequências, bem como todas as formas de carência ou deficiência. Segundo o estatuto da Associação, as tarefas essenciais incluíam: (i) conscientizar a sociedade e convencê-la de seus deveres diante do aumento da disparidade nos padrões de vida; (ii) incentivar, realizar e coordenar estudos e experimentos, bem como estimular, promover ou apoiar projetos-piloto e microdemonstrações; e (iii) tomar medidas para contribuir para o desenvolvimento

equilibrado dos países em desenvolvimento (Caderno de Divulgação, [s. d.]).

A Ascofam brasileira foi fundada em julho de 1957, em um evento no Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil. A presidência ficou, no primeiro momento, com Oswaldo Aranha (Eleito [...], 1957). As finalidades da associação no Brasil eram parecidas com as da sede europeia, “compreendendo tanto a fome aguda como a fome crônica ou oculta; a fome qualitativa como a fome energética; a fome epidêmica como a endêmica” (Ascofam, [s. d.]c). Suas metas se resumiam a: (i) conscientizar a população brasileira sobre os problemas da fome e da subnutrição; (ii) realizar pesquisas, organizar documentação e fornecer formação técnica e humana para especialistas, assistentes e voluntários; (iii) realizar campanhas e outras ações necessárias para alcançar seus objetivos, incluindo campanhas assistenciais; (iv) identificar e classificar as áreas do Brasil com diferentes níveis de carência alimentar; (v) criar projetos de desenvolvimento econômico que possam contribuir direta ou indiretamente para o combate à fome; e (vi) ajudar a aumentar a capacidade e a produtividade dos brasileiros por meio do combate sistemático à subnutrição.

Quanto ao projeto de sensibilização, ele abrangia as diferentes frentes das atividades e devia ser permanente “para atingir as elites e as massas de cada país” (Ascofam, [s. d.], n. p.). Além disso, para promover a conscientização, além de conferências, era necessário incluir campanhas na imprensa, no rádio, na televisão e no cinema. Todos esses projetos de divulgação foram respaldados por estudos sobre as condições de vida e alimentação da população, buscando sensibilizar os espectadores em

relação à fome e obter uma resposta humanitária dos países entendidos como desenvolvidos. A partir da conscientização do mundo, da pressão pública por uma solução e do princípio da igualdade da humanidade — somos todos humanos e merecemos comer —, a fome seria então solucionada. Josué de Castro entendia que, quanto mais a fome estivesse em discussão no *espaço público letrado*, mais o problema seria debatido e, conseqüentemente, combatido. Um projeto de denúncia: esse era o centro da Ascofam.

Josué acreditava que o esforço em publicizar a fome, por meio de publicações, filmes, conferências, palestras e seminários, era uma grande vitória da Ascofam. Todo esse trabalho, segundo ele, levou o problema da fome ao primeiro plano da atenção mundial, “quando há cerca de 15 anos a palavra fome era uma palavra tabu” (Entrevista [...], [s. d.], n. p.).

QUEM FALA SOBRE A FOME

A fome endêmica figurava entre as causas do “atraso” brasileiro. Para solucionar esse problema era preciso desenvolver o país, e quem formulava as prescrições necessárias para isso eram os técnicos e os especialistas, como Josué de Castro. O reconhecimento de sua autoridade nesse assunto apareceu em uma entrevista publicada no *Diário de Notícias*, na qual Castro analisava a conjuntura do país: “[t]rata-se, como se vê, de um técnico que, no analisar as condições de vida do povo, fornece o verdadeiro panorama da situação nacional” (Fixadas [...], 1955, p. 9).

Nesse contexto, o saber científico era um pressuposto importante para os enunciadores que prescreviam soluções para a fome endêmica. Porém, mesmo sendo usado enquanto chancela de uma ideia ou de um enunciador, o *ser científico* poderia, da mesma forma, ser um argumento utilizado em sua negativa para invalidar alguma autoridade constituída, com a acusação de *não ser científico*. Por exemplo, o físico César Lattes (1924-2005), um dos desafetos de Josué, afirmou que “[e]nquanto no Brasil homens como Josué de Castro forem considerados cientistas e prestigiados pelas autoridades, acho difícil fazer-se pesquisa séria [...]. Aponto [Josué de Castro] como exemplo de charlatanismo científico, hoje, generalizado” (Importantes [...], 1955, p. 16). Castro também referendava ou rechaçava ideias a partir do mesmo pressuposto. “A campanha não tem por isso base científica e vem sendo desmascarada pela intelectualidade honesta e progressista” (Campos, 1961, p. 4). Essa alegação tinha por objetivo colocar os portadores desse debate para fora do universo da excelência científica, portanto, do rol de sujeitos autorizados a opinar sobre determinado assunto. Assim, Castro e Lattes mobilizavam os mesmos critérios de autoridade na enunciação para rebater ideias, projetos e sujeitos.

Os encontros entre cientistas eram uma das muitas frentes de atuação da Ascofam em nome da luta contra a fome. A associação organizou, por exemplo, o *Seminário de Endemias e Desnutrição no Nordeste*, com uma centena de médicos em Garanhuns, Pernambuco. As conclusões foram publicadas nos boletins da Associação (Ascofam, [s. d.]). A instituição também promoveu o *Simpósio sobre*

Enriquecimento de Farinha, assunto que ganhou centralidade na execução de ações da Ascofam contra a fome, e o *I Congresso Mundial de Alimentação*, que aconteceu em 1963, em Washington, tendo como palestrantes Josué de Castro e Dom Hélder Câmara, com a participação de Celso Furtado, Pedro Borges, Clementino Fraga, Sousa Barros, Walter Santos, Dante Costa, Antonio Balbino e Rômulo de Almeida, entre outros.

O Congresso tem o duplo propósito de despertar no mundo uma consciência mais clara do drama da fome e da miséria que aflige mais da metade da população humana e da inadiável necessidade de mobilizar todos os recursos técnicos e materiais disponíveis para assegurar a alimentação adequada a todos os habitantes da Terra (I Congresso Mundial de Alimentação, 1963, p. 8).

Nesse contexto, o jornal adversário *Tribuna da Imprensa*, comandado, na época, por Carlos Lacerda, publicou uma anedota sobre um congresso da associação contra a fome:

Com um maltrapilho pedindo pão de minuto a minuto e diante do ministro da Educação, professor Pedro Calmon, Bispo D. Hélder Câmara e o embaixador francês no Rio, Sr. Bernard Hardion, o Abade Pierre anunciou ontem, no auditório do Ministério, a explosão iminente da fome. [...] Continuando, disse: – O faminto não é feliz. (Nesse ponto, o maltrapilho

gritou “apoiado” e o ministro Pedro Calmon fez-lhe um gesto pedindo silêncio). Sua família – continuou o abade – também não é. (O maltrapilho repetiu o aplauso e dois funcionários, por ordem de Calmon, o retiraram do auditório) (Fome pode levar [...], 1959, p. 10).

A anedota apresentava um ponto central dessa “descoberta da fome” (Tobelem, 1974), como foi chamada por alguns: ela era enunciada pelos espectadores, que focalizavam numa representação específica do fenômeno. Em um dos eventos de que Josué de Castro participou no Canadá, havia quinhentos delegados para discutir pobreza e subdesenvolvimento. Nisso, grupos dos movimentos sociais da cidade de Montreal entraram no auditório para protestar contra a falta de representatividade dos pobres nessas discussões.

Nós protestamos pelo fato de que o número de trabalhadores participando dessa conferência é muito baixo. Nós somos mais de 50% da população e não somos nem 10% entre vocês. [...] Vocês deveriam discutir o problema da pobreza com participação real e não simbólica com quem consegue sobreviver apesar da pobreza e das injustiças da nossa sociedade (Poverty [...], 1968, n. p.).

Aos que viviam apesar de sua pobreza, era reservado um lugar específico: o de foco de análise dos *enunciadores*. Em um panfleto da Ascofam europeia, via-se a imagem de crianças, duas esqueléticas e uma mais

encorpada, representando a crise de fome e a fome endêmica, e lia-se: “A A.S.C.O.F.A.M.², para ajudar as pessoas a se alimentarem melhor, acha que elas devem ser ensinadas a complementar suas dietas e a produzir uma quantidade diária de alimentos em quantidade e variedade adequadas” (Ascofam, [s. d.]d). Uma das causas da fome era a ignorância. O folheto mencionava a aderência da associação à Campanha Mundial Contra a Fome, além dos membros da organização, como Josué de Castro e Padre Lebrete.



Figura 1. Folheto da Ascofam

Fonte: Acervo Josué de Castro, Fundaj, Pasta 673.

Em muitos casos, as entrevistas, os materiais de divulgação (como panfletos), livros e textos dos

²A depender da publicação, a sigla da Associação escrevia-se de forma diferente, como é o caso na citação do panfleto.

especialistas no assunto vinham acompanhados da imagem do famélico. Além disso, não era raro que a foto de Josué de Castro, o cientista, aparecesse ao lado de pessoas famintas, especialmente crianças, mas também mulheres e homens.



Figura 2. Livro negro da fome

Fonte: Acervo Josué de Castro, Fundaj, Pasta 529.

A maioria dos que versavam sobre as definições de fome — se endêmica ou epidêmica — atribuía causas e soluções no espaço público letrado sem a terem experienciado. Aqueles que tinham voz nesse espaço, os cientistas, estavam na condição de observadores, falando sobre a dor alheia. Apesar de os relatos centrados em algum indivíduo ou família terem ganhado espaço para gerar comoção, ainda assim os famintos se situavam nesse debate apenas como uma massa sem rosto, por meio do seu sofrimento compartilhado (Boltanski, 1999). Seu nome importava menos do que a descrição dos fatos. A análise cabia aos especialistas. A distância desse objeto

era, portanto, proeminente no *espaço público letrado*, o que evidencia a formação de um mundo social daqueles que estavam engajados e autorizados a discutir e prescrever sobre o fenômeno da fome dentro de um universo que não vivia a situação.

CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA REVOLUÇÃO

Josué de Castro, em dezembro de 1960, passou duas semanas em Pernambuco, precisamente no Recife e no interior do estado, para debater e propor a recuperação do Nordeste com base no que tinha visto em uma viagem a Israel (Recuperação do Nordeste, 1960, p. 12). Nessa ocasião, ele foi a uma tarde de autógrafos da escritora Carolina Maria de Jesus, que estava publicando seu primeiro livro: *Quarto de despejo* (Tarde de autógrafos [...], 1960, p. 5). Desse modo, Castro, poucos dias após sua volta ao Rio de Janeiro, fez um pronunciamento no Congresso Nacional, no qual felicitava

uma nova literatura que surge no Brasil, de caráter social, analisando os problemas brasileiros, cujos autores não são nem sábios, nem eruditos, nem professores, nem literatos profissionais, mas representantes do povo, na autenticidade do conhecimento direto dos problemas brasileiros. Refiro-me ao livro que acaba de aparecer, de Carolina Maria de Jesus, cujo título, *Quarto de despejo*, mostra bem que trata da miséria reinante no país. [...] Presto homenagem a essa autora, a essa pobre mulher que viveu a fome e que sofreu a fome, não

cerebralmente, como interpretação, mas que sofreu na sua própria carne a fome no seu estômago e não no seu cérebro (Castro, 1960 *apud* Melo; Neves, 2007, p. 39-40).

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, pequena cidade de Minas Gerais, em 1914. Era uma mulher negra descendente de escravizados. Coursou a escola até o segundo ano primário e se mudou para São Paulo em 1937, onde exerceu diversos trabalhos. Em uma das casas em que foi empregada doméstica, havia uma biblioteca grande à qual ela tinha acesso. Assim, a futura autora entrou em contato com diferentes gêneros literários, como poemas e ficção, interesse que havia sido despertado nela pelo seu avô. Em 1948, ela engravidou do primeiro filho e o pai, um marinheiro português, não assumiu a criança. Perdendo o emprego por estar grávida, Carolina Maria de Jesus foi morar na favela. *Quarto de despejo*, seu diário, começa em 1955, quando a escritora já estava instalada na favela do Canindé³, às margens do rio Tietê, próxima a um depósito de lixo. Ali, com três filhos, ela catava recicláveis, profissão que possibilitava a ela mais tempo para escrever e certa flexibilidade para cuidar das crianças.

Logo, Audálio Dantas, um repórter que cobria uma matéria sobre o parquinho perto da favela do Canindé, entrou em contato com os cadernos da autora e viu ali uma oportunidade editorial. Pouco tempo depois,

³A favela do Canindé teve tempo curto na cidade, existindo entre 1948 e 1961. Ela surgiu por estímulo da própria prefeitura, que assentou ali 99 famílias desalojadas da ocupação de um terreno particular. Depois de algum tempo, a comunidade chegou a abrigar trezentas famílias (Barone, 2015).

publicou trechos do diário de Carolina no jornal *Folha da Noite*⁴. Audálio dizia que não estava “apresentando uma nova história [...] e sim uma revolução” (Rangel, 1975, p. 8). Assim, *Quarto de despejo* foi publicado em 1960, com fragmentos dos diários de Carolina de Jesus. No livro, ela falava do seu cotidiano na favela, da vida com os filhos e do trabalho diário para conseguir alimento e itens necessários para a subsistência. A favela era relativamente nova em São Paulo e pouco conhecida dentro das discussões sobre a cidade. As reformas urbanas dos anos 1940 fizeram com que os pobres saíssem das áreas centrais e dos cortiços⁵. Por isso, seu texto foi consumido como um produto que permitia às elites letradas conhecer essa forma de habitação que não tinha sido ainda apreendida por essa camada da sociedade, principalmente em São Paulo. Pela dificuldade de conseguir alimento, a fome não era fruto de uma calamidade, mas uma constante causada pela posição social de Carolina: “Deixei o leito as 4 horas. Eu não dormi porque deitei com fome. E quem deita com fome não dorme” (Jesus, 2014, p. 107). Era essa a fome endêmica, que teve protagonismo no debate público no começo dos

⁴O livro *Quarto de despejo* não tinha sido a primeira empreitada editorial da autora. Biografias mostram que ela havia levado seus poemas para jornais e que havia publicado um poema no jornal *Folha da Manhã*, em 1941, entre outros textos. A diferença estava no papel do jornalista Audálio Dantas, que foi o caminho para que ela conseguisse publicar seu primeiro livro (Farias, 2018, p. 177-187).

⁵O lugar era desprovido de estrutura. Não tinha água encanada e apenas uma torneira supria os habitantes da favela. A fila da água aparece com frequência no diário, tornando-se também um dos cenários em que as pessoas se encontravam. Não havia esgoto e a energia era controlada por um homem que cobrava mensalmente pelos serviços.

anos 1960, juntamente à pobreza e às discussões sobre as reformas de base.

A diferença entre *Quarto de despejo* e os outros livros publicados sobre o assunto era que a enunciação partia de uma personalidade que havia vivido a experiência da fome. Como vimos, o sujeito da fome não tinha a autoridade para enunciar, aparecendo no *espaço público letrado* majoritariamente a partir dos relatos trazidos pelos enunciadores. Essa era a revolução identificada por Audálio: “É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la”, escreveu Carolina Maria de Jesus (Jesus, 2014, p. 26). A escritora constituiu essa autoridade a partir do destaque que a fome e a pobreza tinham adquirido no *espaço público letrado*. Além disso, o gênero literário de *Quarto de despejo*, o diário, com a individualização dos relatos sobre a fome, havia se comprovado eficaz para a sensibilização sobre o problema.

De fato, como previra Audálio, o livro foi um fenômeno editorial. No dia do lançamento, 600 pessoas compareceram à livraria Francisco Alves. O livro vendeu 10 mil cópias nos três primeiros dias e 90 mil cópias em seis meses, equiparando-se a autores como Jorge Amado. Foi o primeiro livro de uma autora negra traduzido, e essas traduções começaram a circular menos de um ano depois do lançamento nacional (Meihy; Levine, 1994, p. 30).

Essa revolução, porém, foi também uma amarra que vinculou Carolina de Jesus a um papel bem específico no *espaço público letrado*. Em outras palavras, o capital simbólico⁶ adquirido pela autora era limitado àquele lugar

⁶Por capital simbólico, Bourdieu entendia o conhecimento e reconhecimento que alguém adquire pelos pares-concorrentes (Bourdieu, [1997] 2004, p. 26).

em que a colocaram. Após a publicação de *Quarto de despejo*, ela se tornou a escritora favelada, com lenço na cabeça, retratada em um ambiente de muita miséria. Essa imagem prevalecia, tirando de cena muitas outras facetas que também a constituíam (Nascimento, 2016). Carolina Maria de Jesus foi chancelada no *espaço público letrado* na condição de autora favelada negra que viveu a fome. Ao mesmo tempo em que esse lugar lhe conferiu sucesso, tornou-se o único em que ela era autorizada a enunciar.

Quando a escritora tentou se desfazer dessa imagem, não conseguiu. Exemplo disso foi o seu romance publicado como *Pedaços da fome*, em 1963, mas que ela tinha nomeado como *A felizarda* (Jesus, 1963). A fome não ocupava o centro da trama para justificar aquele título, notando-se, portanto, que este fora sugerido não pelo conteúdo, mas pelo lugar que Carolina Maria de Jesus ocupava no cenário literário — o de ser exótico, no sentido de externo, mas também de excêntrico, a ser observado —, uma posição validada apenas a partir de temas como pobreza e fome (Fernandez, 2017, p. 116-117). Assim, o projeto que Carolina de Jesus desenhou para si, o de sair desse lugar e escrever em diversos gêneros literários, como poemas e ficção, não condizia com o de escritora favelada. Depois do sucesso, ela desabafou: “triste glória que não me deixa ter vontade própria. Quero ser eu. Fizeram-me desviar de tudo que pretendia quando morava na favela e ansiava deixar o barraco. O que sou agora?” (Loyola, 1961, p. 8). A autora tinha se tornado o produto das discussões sobre as mazelas do Brasil.

Com o sucesso de *Quarto de despejo*, Carolina de Jesus saiu da favela e comprou uma casa de alvenaria em Santana, também na zona norte de São Paulo. Depois que

caiu no esquecimento, ela vendeu essa casa e comprou um pequeno sítio em Parelheiros, no extremo sul da cidade, na área rural. Terminou seus dias como fez em parte da infância, plantando e criando galinhas e porcos.

A FOME DOS OUTROS

A pobreza cotidiana era notícia no Brasil e em diversos outros países. Em 1961, o fotógrafo Gordon Parks, da revista estadunidense *Life*, visitou a América Latina para uma série de reportagens sobre os problemas da população. O resultado da viagem está na matéria *O terrível inimigo da liberdade: a pobreza* (*Freedom's Fearful Foe: Poverty*), publicada em 16 de junho. O centro da reportagem era uma família que morava em uma favela no Rio de Janeiro, os Silva, composta por José, Nair e seus oito filhos. Parks, a exemplo de outros enunciadores, trazia empatia no relato, falando que aquela família, “vista como indivíduos, evoca a compaixão humana” (Parks, 1961, n. p.)⁷. José era nordestino, “um refugiado do pobre Nordeste do Brasil”⁸, que sofreu um acidente de trabalho e não pôde mais exercer suas atividades. Quem cuidava dos irmãos era Flávio, o mais velho, um menino malnutrido e asmático de doze anos:

tomado pelas necessidades e queixas de seus irmãos e irmãs sempre com um pouco de fome, ele trava uma batalha perdida contra a selvageria e a desordem. A família tem três pratos. Ele lava estes, bem como os rostos das

⁷“Seen as individuals, evokes human compassion” (Parks, 1961, n. p.).

⁸“A refugee from dirtpoor northeast Brazil”.

crianças mais novas. Cozinha o feijão preto e o arroz que compõem quase todas as refeições (Parks, 1961, n. p.)⁹.

A reportagem teve imensa repercussão, e os leitores, sensibilizados pela história, mandaram cartas com doações para a família. Com isso, os Silva compraram uma casa fora da favela e foi organizada a ida de Flávio aos Estados Unidos para o tratamento da asma. No dia 21 de julho, o menino apareceu na capa da Life deitado em lençóis brancos e limpos com um bicho de pelúcia, sob o título: *Resgate do Flávio: americanos trazem ele do Rio para se curar (Flavio's rescue: Americans bring him from Rio slam to be cured)*.

A repercussão da matéria também foi grande no Brasil e muitos ficaram incomodados com o fato de uma revista estadunidense ter vindo procurar pobreza aqui. Foi então que a revista *O Cruzeiro* mandou o fotógrafo brasileiro Henri Ballot a Manhattan para retratar a miséria nos Estados Unidos. Quando chegou, ele foi recebido no jornal *El Diário de Nueva York*, voltado aos porto-riquenhos, e o secretário disse: “Então, veio buscar um Flávio em Nova York? Você teve uma boa ideia. Aqui encontrará coisas bem piores do que no Rio, em matéria de favela” (Fragmentos [...], 1961). Assim, Henri Ballot passou a visitar casas em busca de histórias. Essa viagem virou a reportagem intitulada *O repórter Henri Ballot descobre em N. York novo recorde americano: miséria*, nos mesmos

⁹“Assailed by the needs and complaints of his sisters and brothers who are always a little hungry, he fights a losing battle against savagery and disorder. The family has three plates. He washes these as well as the faces of younger children. He cooks the black beans and rice which make up almost every meal” (Parks, 1961, n. p.).

moldes da Life. A equipe estava tão empenhada em responder à revista estadunidense que diagramou a reportagem reproduzindo fotos da Life e, ao lado, as que encontraram no Harlem, bairro em Nova Iorque: “Favela sem samba e sem sol”. “Não podemos negar aqui a existência das favelas cariocas. Conhecemos o seu drama e o seu problema. Mas a miséria não é exclusividade nossa” (Ballot, 1961, n. p.). A família escolhida por Ballot era formada por dezesseis pessoas, das quais a única que trabalhava ganhava 49 dólares por semana, sendo o aluguel de 71 dólares por mês. Assim, o dinheiro para alimentação era escasso. “No Bowery, na Rua Christie, um parque abandonado, as calçadas recobertas de lixo. Acha um pedaço de pão, que cheira e, em seguida, come” (Ballot, 1961, n. p.). Em outra casa, onde estava a família Gonzales, o repórter foi acompanhado de uma criança, que comentou: “Eu gostaria tanto de morar lá em cima! [...] Me disseram que lá em cima, na casa dos anjos, tudo é bonito e a gente pode beber leite à vontade” (Ballot, 1961, n. p.). Assim como a revista estadunidense tinha eleito Flávio como seu protagonista, *O Cruzeiro* escolheu Ely-Samuel, um menino de nove anos com aparência de quatro: “Quase não sabe sorrir. [...] Sua magreza e sua apatia deixam crer que ele sofre de uma profunda anemia” (Ballot, 1961, n. p.).

O trabalho rendeu editoriais no *The New York Times*, na revista *Time* e em outros meios, alguns duvidando da reportagem feita pelo brasileiro e outros atestando a miséria e a fome. O mesmo aconteceu com a reportagem de Gordon Parks. Henri Ballot voltou à favela carioca afirmando que “criaram uma história irreal, onde não

havia necessidade de farsa para apresentar miséria” (O caso Flávio [...], 2018, n. p.).

A controvérsia entre a imprensa estadunidense e a brasileira evidencia um aspecto que era muito debatido em relação às produções que versavam sobre a pobreza e a fome: ao mesmo tempo em que as denúncias da fome endêmica aumentavam, essas abordagens eram vistas como redutoras de uma realidade, que passava a ser circunscrita ao sofrimento, como nos dois casos aqui tratados e no de Carolina, que foi autorizada apenas enquanto representante da fome e da pobreza. Outro elemento a ser pontuado nesse contexto foi o da disputa pela expressão de uma ideia de Brasil, através do incômodo mostrado pelos meios de comunicação brasileiros com a reportagem da revista Life, valendo ressaltar ainda a acusação dos adversários de Josué de Castro e seus pares sobre evidenciar a fome. Essa disputa sobre o que deveria ser exibido midiaticamente sobre o país carregava implícitas moralidades e projetos políticos. O questionamento que pairava era o seguinte: se fossem divulgadas somente pessoas saudáveis, futebol e Brasília, como defendiam os adversários de Josué, as demandas materiais e por espaço político seriam atendidas? Afinal, em que medida e como a miséria deveria ser exibida? Esse era o dilema do *enunciador*, formulação que está baseada no livro de Luc Boltanski, *Distant Suffering*, o qual discorre sobre o assunto. Aqui, consideramos que os agentes do *espaço público letrado*, além de espectadores do sofrimento alheio, eram também *enunciadores* das formulações sobre esse sofrimento. Nesse sentido, este difere-se do espectador que apenas assiste à cena e não faz proposições públicas. No caso de Boltanski (1999, p.

15), portanto, o dilema é: “[e]m que condições o espetáculo do sofrimento que a mídia nos traz é moralmente aceitável?”.

Aqueles que desejavam *desenvolver* e *modernizar* o país, como Josué de Castro, acreditavam que valia a pena apontar os problemas sociais. Entretanto, as propostas sobre os modos de enunciação da fome no *espaço público letrado* eram forjadas por observadores externos ao fenômeno. As pesquisas científicas que balizaram a fome endêmica (voltada para a carência polivitamínica) foram constituídas sobretudo na nascente ciência nutrição e nos valores e modos de operação da consolidação do sistema capitalista: renda, aquisição monetária do alimento, família nuclear e pesquisa estatística (Vernon, 2007).

Nesse sentido, passaram a ser observados os elementos específicos dos modos de se alimentar, enfatizando-se alguns aspectos e diminuindo-se outros. Uma das ausências nessas abordagens era o papel que cumpriam os laços sociais comunitários, que se enfraqueceram em razão do advento da moral capitalista. No entanto, os princípios norteadores modernos não solaparam de uma vez esses laços. Essa percepção ocorre por meio do diário de Carolina Maria de Jesus. Vemos, por seus relatos, que as mulheres muitas vezes se apoiavam mutuamente mediante redes de reciprocidade, com a troca cotidiana de alimentos: “fui pedir um pouco de banha a dona Alice. Ela me deu a banha e arroz” (Jesus, 2014, p. 30).

Esse é um tema tratado por Antonio Candido em *Parceiros do Rio Bonito*. Candido examinou, em sua tese de doutorado, o problema da subsistência entre os homens do campo nos anos de 1947 e 1954. Ao descrever

o que ele chamou de *decomposição* da vida caipira, o autor salientou a sociabilidade desse grupo, algo que deveria ser considerado em investigações econômicas (Candido, 2010). A abordagem do autor enfatizava a organização social comunitária para garantir acesso ao alimento, demonstrando que a sociedade centrada no mercado foi entrando em um tipo de vida social fechada que era baseada na subsistência e no compartilhamento (Candido, 2010). Podia-se perceber também a manutenção de acordos sociais de compartilhamento dentro de grupos estendidos para além da família nuclear, mesmo que essa população estivesse pressionada por outra orientação do modo de vida, assim como registraram Elias e Scotson: “A imagem da pequena família nuclear auto-suficiente [sic] como arquétipo da família não se coadunava com as observações feitas” (Elias; Scotson, 2000, p. 95). Assim, notava-se que a comunidade cumpria um papel importante, mas não era considerada em boa parte dos estudos científicos realizados sobre o assunto.

Além disso, o significado da palavra *fome* para os que a vivenciavam não era a ausência dos nutrientes necessários para uma vida considerada saudável, ou seja, não estava associada à carência polivitamínica. Na verdade, quando grupos considerados *enunciadores da fome* se referiam à alimentação, o desejado era *comer até matar a fome*¹⁰:

¹⁰Essa expressão está em alguns livros de literatura, como *A bagaceira* (Almeida, [1928] 2010), e também foi ouvida pela autora a partir dos relatos de retirantes sertanejos que se deslocaram para São Paulo.

[...] ouvi há muitos anos que o seu maior desejo seria comer e fazer comer aos seus filhos e netos de tal maneira que se esquecessem do que era fome. No limiar da morte, o seu papel de mãe lhe parecia falhado na medida em que dera à luz tanta gente que não podia comer à vontade (Candido, 2010, p. 36).

Dessa maneira, a fome correspondia à incompletude de um desejo, a não estar satisfeito, como o menino que disse ao repórter que gostaria de ir ao céu, onde “tudo é bonito e a gente pode beber leite à vontade” (Ballot, 1961, n. p.). Dessa forma, isso era diferente da régua clínica dos cientistas, construída a partir da determinação de quantidades mínimas de proteínas, nutrientes e calorias.

Na redação, eu fiquei emocionada. [...] O senhor Antonio fica no terceiro andar, na sala do Dr. Assis Chatobriand [sic]. Ele deu-me revista para eu ler. Depois foi buscar uma refeição para mim. Bife, batatas e saladas. Eu comendo o que sonhei! Estou na sala bonita. A realidade é muito mais bonita do que o sonho (Jesus, 2014, p. 173).

A expressão *comer até matar a fome* dizia respeito a uma fome vivida pela ausência de alimentos em disponibilidade suficiente para dispensar o racionamento, ao acesso àquilo que se desejava, e não à régua fisiológica identificada pelos especialistas. Essa discrepância é um sintoma da circunscrição do espaço social dos enunciadores do *espaço público letrado*.

OS ENUNCIADORES DA FOME

Josué de Castro e seus pares inseriram, no debate público, a fome enquanto fenômeno cotidiano e endêmico que afetava a maior parte da população. Para isso, propuseram um alargamento do seu sentido, para que englobasse também a ausência parcial de alimentos. Esse enquadramento partiu da definição do mínimo necessário para a subsistência. As balizas formadas na ciência (como as calorias, os estudos estatísticos, a ligação entre alimentação e renda e a centralidade da família nuclear) também serviram de base para esse discurso. Nesses termos, era manifestada a dimensão do problema da fome com um estatuto científico, permitindo que fosse estabelecida a forma com que ele deveria ser enfrentado.

Desse modo, se antes as histórias sobre a fome eram vinculadas sobretudo à crise advinda da Segunda Guerra Mundial, a pobreza e a fome cotidiana ganharam protagonismo no *espaço público letrado* no Brasil. Os casos particulares relatados vinham para aproximar o leitor do assunto e causar comoção. Diante do sofrimento, algumas vezes havia o imperativo da ação, como vimos no caso do menino Flávio, retratado pela revista Life.

Os projetos de divulgação propostos por Castro, por meio da Ascofam, tinham como objetivo expandir os espaços de conhecimento e discussão da fome para além dos meios científicos e políticos. Divulgar a fome era estratégico para a aderência aos projetos que a combatiam, mas a publicização da fome endêmica não necessariamente gerava comoção ou ações para combatê-la. As descrições e prescrições propostas por Castro e seus pares sobre a fome endêmica envolviam três

tipos ideais de pessoas, o que ajuda a entender as aderências e resistências à proposta de sensibilização que se desenhava no *espaço público letrado*: o *sujeito*, o *espectador* e o *enunciador*, que poderiam se subdividir em outras categorias.

O primeiro destes tipos seria o *sujeito*, neste caso, o indivíduo em situação de fome. Embora os relatos que se concentravam em indivíduos ou famílias tenham ganhado destaque, nessa tentativa de gerar comoção pública, os famintos ainda eram vistos nesse debate apenas pela mazela sofrida e partilhada entre eles. Fossem números ou relatos, o nome e a opinião de cada indivíduo importavam menos do que a descrição dos fatos que viviam. Poucos eram os sujeitos que falavam nesse espaço, como Carolina Maria de Jesus.

Quanto ao *espectador*, aquele que entra em contato com o sofrimento alheio, como o leitor de um jornal que noticiava a fome, desdobra-se em quatro categorias. A primeira é o *espectador leitor*, que acessa o sofrimento por meio de uma produção letrada. Assim, o espectador até poderia se sensibilizar com o sofrimento alheio, mas é preciso considerar que as denúncias da fome conviviam com a indiferença e a negação do fenômeno, o que nos leva ao segundo tipo de espectador: o *negacionista*. Dessa postura vinham opiniões como a de que “no país havia malandro, e não fome”: “Fome no Brasil é só a do malandro que não quer trabalhar” (Fome [...], 1959, p. 8). Por outro lado, o espectador poderia se sensibilizar com a situação a ponto de agir sobre ela, tornando-se o terceiro tipo: um *espectador atuante*. Como exemplo podemos citar os militares, que doaram um dia de seu salário para os flagelados de uma seca: “Doaram um dia de soldo –

solidariedade dos oficiais, sargentos e praças do 5.R.C aos flagelados” (Consumida [...], 1953). Em torno da publicização da fome, havia ainda mais um espectador, o quarto tipo: o *espectador ocular*, que seria aquele que presenciaria os fatos e depois poderia transmiti-los, como um jornalista.

Assim, o indivíduo que escolhesse relatar a fome deixaria de ser um espectador ocular para, com o ato de narrar, tornar-se um *enunciador*, pois sua perspectiva seria a de não só testemunhar os acontecimentos, mas repassá-los adiante conforme uma apresentação e interpretação do que havia visto para a sociedade em geral. Dessa maneira, esse enunciador pode ser classificado em dois tipos: o primeiro enunciador seria aquele que apenas enunciava, normalmente se sensibilizando com os relatos que transmitia e usando expressões que ressaltassem essa comoção: “*Uma pobre mãe, vendo seus filhos chorar à fome, num gesto de desespero, matou quatro deles*” (O Nordeste [...], 1932. n. p., grifo nosso). Também era *enunciador* o cientista que, por exemplo, divulgasse uma pesquisa afirmando que 60% da população mundial não chegava a consumir 2.200 calorias (Freitas, [s. d.]).

Enquanto essa primeira categoria de enunciador apenas transmitia seus relatos e resultados de pesquisa, o *enunciador atuante* seria aquele que não apenas propunha determinado discurso, mas que agia naquela realidade. Esse era o caso de Josué de Castro, um homem de ação. Ele criava políticas públicas, montou uma associação para lutar contra a fome e se dizia um “soldado da cruzada da luta contra a fome” (Castro, 1958). Isso lhe conferia prestígio, pois partia da moral

compartilhada de que era desejável agir quando se constatasse o sofrimento alheio¹¹.

Nesse contexto, apesar de menos explícitos do que os relatos centrados em pessoas ou famílias, as estatísticas e os dados de renda da população também eram recortes específicos da realidade da fome, assim como a definição do fenômeno proposta pelos enunciadores, a qual partia da ciência moderna e circulava em circuitos específicos: “na agenda da imprensa mundial, assembleias plenárias de congressos, discursos políticos e dos grandes encontros internacionais” (Castro, 1963, n. p.). Como um enunciador atuante, Castro evidenciava as ausências deixadas por esses recortes para propor projetos de desenvolvimento e angariar recursos materiais e simbólicos para as suas realizações. Já os que negavam o fenômeno negavam-se também a atuar nele, porque “ele não existia”. Estes últimos partiam, portanto, de princípios da manutenção da ordem vigente e da estrutura social apresentadas naquele momento.

Assim, conclui-se que a realidade pode ser alterada por meio da representação, feita não pelo simples ato da enunciação, como se a realidade derivasse dessa representação, mas pela possibilidade de atuação no mundo que se configura a partir do exposto por novos discursos que se fazem sobre ele, como uma viabilização simbólica da prática. Por isso, somente após a definição da fome endêmica e a identificação de suas causas é possível atuar e modificar um problema que não foi inaugurado com o discurso, mas sim enunciado a partir da

¹¹Esses tipos ideais foram baseados na reflexão de Boltanski. O autor não os define dessa forma, mas a leitura do livro viabilizou a formulação aqui apresentada (Boltanski, 1999, p. 8).

observação real que se fez sobre o fenômeno, sendo, portanto, fundamental frisar que o enquadramento da problemática é o primeiro passo de um processo de alteração.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1928] 2010.

ASCOFAM - ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DA LUTA CONTRA A FOME. *Como vem trabalhando a Ascofam no Brasil*. Pasta 128. Recife: Fundaj, [s. d.]a.

ASCOFAM - ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DA LUTA CONTRA A FOME. *Dossiê ASCOFAM*. Pasta 283. Recife: Fundaj, [s. d.]b.

ASCOFAM - ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DA LUTA CONTRA A FOME. *Declaração de Genebra*. Pasta 333. Recife: Fundaj, [s. d.]c.

ASCOFAM - ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DA LUTA CONTRA A FOME. *L'A.S.C.O.F.A.M. doit participer a la campagne mondiale contre la faim*. Pasta 673. Recife: Fundaj, [s. d.]d.

BALLOT, H. O repórter Henri Ballot descobre em Nova York novo recorde americano: miséria. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 7 out. 1961. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/o-caso-flavio-o-cruzeiro-life-gordon-parks-henri-ballot/>. Acesso em: 5 mar. 2023.

BARONE, A. C. C. Carolina Maria de Jesus, uma trajetória urbana. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO*, 16., 2015, Belo Horizonte. *Anais* [...]. Belo Horizonte: Anpur, 2015. Disponível em:

<https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1801/1780>. Acesso em: 27 nov. 2024.

BOLTANSKI, L. *Distant Suffering: Morality, Media and Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

BOURDIEU, P. *Os usos sociais das ciências humanas: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, [1997] 2004.

CADERNO DE DIVULGAÇÃO. *L'Association Française de Lutte contre la Faim*. Pasta 101. Recife: Fundaj, [s. d.].

CAMPOS, D. Demografia e desespero. Coluna Do ponto-de-vista nacional. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1961, p. 4. [S. l.]: Fundação Biblioteca Nacional, 1961.

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CONSUMIDA pela fome e pela seca toda uma população sertaneja. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 mar. 1953. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1953.

CASTRO, J. *Carta a Abade Pierre*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1956. Pasta 567. Recife: Fundaj, 1956.

CASTRO, J. *Carta a Oswaldo Aranha*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1958. Pasta 571. Recife: Fundaj, 1958.

CASTRO, J. Desenvolvimento econômico e a fome no Brasil – VII. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 5 mar. 1961. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1961.

CASTRO, J. *La lutte contre la faim et la conquête de la paix*. Pasta 26. Recife: Fundaj, 1963.

CASTRO, J. *Transcrição de entrevista com Josué de Castro: A fome no Brasil e no mundo*. Pasta 83. Recife: Fundaj, [s. d.].

ELEITO o comitê brasileiro da Ascofam. Oswaldo Aranha preside a “luta contra a fome”. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 5 jul. 1957. Pasta 33. Recife: Fundaj, 1957.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ENTREVISTA com Josué de Castro. *A fome, grande descoberta do século XX*. Pasta 127. Recife: Fundaj, [s. d.].

FARIAS, T. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FERNANDEZ, R. A. Edição crítico-genética de três narrativas carolinianas: o caráter proverbial nos cenários do devir-fome amarela. *Manuscritica*, Campinas, n. 32, p. 116-131, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177857>. Acesso em: 28 fev. 2024.

FIXADAS em erros acumulados as raízes da crise econômico-social brasileira. *Diário de Notícias*, [s. l.], 16 mar. 1955. [S. l.]: Fundação Biblioteca Nacional, 1955.

FOME pode levar mundo à explosão. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1959. [S. l.]: Fundação Biblioteca Nacional, 1959. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=154083_01&pasta=ano%20195&pesq=o%20abade%20pierre&pagfis=45046. Acesso em: 19 ago. 2024.

FRAGMENTOS do diário do Repórter Henri Ballot. *O Cruzeiro*, 7 out. 1961, p. 18. Disponível em:

<https://ims.com.br/exposicao/o-caso-flavio-o-cruzeiro-life-gordon-parks-henri-ballot/>. Acesso em: 18 out. 2024.

FREITAS, H. *Fome: problema do mundo moderno*. Pasta 44. Recife: Fundaj, [s. d.].

GODOY, J. H. A. Economia humana e desenvolvimentismo católico: o pensamento e a ação de Louis-Joseph Lebret no Brasil. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 40-53, 2015. Disponível em: <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/tp.24104>. Acesso em: 24 fev. 2024.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

I CONGRESSO Mundial de Alimentação estudará o drama da fome no mundo. *Correio da Manhã*, [s. l.], 2 jun. 1963, p. 8. [S. l.]: Fundação Biblioteca Nacional, 1963.

IMPORTANTES declarações de Cesar Lattes à reportagem do “Diário”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 jun. 1955. [S. l.]: Fundação Biblioteca Nacional, 1955.

JESUS, C. M. *Pedaços da fome*. São Paulo: Aquila, 1963.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, [1960] 2014.

LEBRET, L.-J. *Carta a Josué de Castro*, 12 dez. 1952. Pasta 575. Recife: Fundaj, [1952].

LEME, A. S. Josué de Castro e as metamorfoses da fome no Brasil, 1932-1946. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, p. 1115-1135, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/PqpXgJyrCf4PbsgnFGL7zQf/?lang=pt>. Acesso em: 28 fev. 2024.

LOYOLA, I. Estou cansada de tudo. *Última Hora*, [s. l.], mar. 1961. [S. l.]: Fundação Biblioteca Nacional, 1961.

MEIHY, J. C. S. B.; LEVINE, R. M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. São Paulo: Bertolucci, 1994.

MELO, M. M.; NEVES, T. C. W. (org.). *Josué de Castro*. Brasília: Plenarium, 2007.

NASCIMENTO, R. A. S. *Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, na Alemanha*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras Modernas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/Raquel%2520Alves%2520dos%2520Santos%2520Nascimento.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

O CASO Flávio: O Cruzeiro × Life: Gordon Parks no Rio de Janeiro e Henri Ballot em Nova York. *IMS*, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/o-caso-flavio-o-cruzeiro-life-gordon-parks-henri-ballot/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

O NORDESTE trágico! *A noite*, 19 fev. 1932. [S. l.]: Fundação Biblioteca Nacional, 1932.

PARKS, G. Freedom's Fearful Foe: Poverty. *Life*, New York, 16 jun. 1961. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/o-caso-flavio-o-cruzeiro-life-gordon-parks-henri-ballot/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

POVERTY appears in person at conference for the poor. *The Montreal Star*, 29 maio 1968. Pasta 112. Recife: Fundaj, 1968.

RANGEL, C. Após a glória, solidão e felicidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jun. 1975.

RECUPERAÇÃO do Nordeste. *Diário de Pernambuco*, 15 nov. 1960. Recife: Fundação Biblioteca Nacional, 1960.

TARDE de autógrafos de Carolina interrompeu trânsito na Imperatriz. *Diário de Pernambuco*, 15 dez. 1960. Recife: Fundação Biblioteca Nacional, 1960.

TOBELEM, A. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Leitura, 1974.

VERNON, J. *Hunger, a modern history*. Cambridge: Harvard University Press; London: Belknap Press, 2007.